

Editorial [PT]

por **Deborah Moreira Guimarães**

deborahmoreiraguimaraes@gmail.com

DOI: 10.12957/ek.2021.62648

Um dos múltiplos desdobramentos do referencial hermenêutico e fenomenológico na contemporaneidade é a ideia de que o lugar constitui, tanto quanto o tempo, o ponto de partida para uma investigação filosófica. Tomar a espacialidade como referência no processo de descrição dos fenômenos é perceber que a experiência concreta do existir não é universal, tampouco essencialista.

Demandas existenciais determinam a forma pela qual a tradição filosófica é recebida, apropriada e levada adiante. Nesse sentido, toda mensagem transmitida sofre modificações porque o processo de reapropriação de temas e problemas é marcado pela heterogeneidade que constitui a multiplicidade das vivências. Pensar em uma hermenêutica topológica como forma de validar o lugar originário da vivência como determinante dos processos de fenomenologização das coisas em geral é reconhecer que a verdade de uma tradição é substancialmente histórica. Isso se deve ao fato de a história de um grupo ser constituída pela situação concreta na qual esse mesmo grupo se encontra.

É no trabalho de pesquisa de Rebeca Furtado de Melo (2016; 2017) que encontramos uma das principais inspirações para a proposta deste dossiê temático, trabalho que não apenas inaugura a noção de hermenêutica topológica como também a insere no âmbito de uma tradição filosófica, sobretudo hermenêutica, que nos possibilita pensar a filosofia latinoamericana e o pensamento decolonial sem, contudo, restringi-los a manifestações regionais ou isoladas de uma tradição supostamente estática, única e marcada por certa homogeneidade.

Assim, é no encontrar-se da disposição histórica que se dá a reapropriação e a transmissão de uma tradição, uma vez que somente o caráter dinâmico, vivo e atuante da história pode dar conta de levar adiante a investigação filosófica, sem recair em dogmatismos, em certezas absolutas e, conseqüentemente, na estagnação hermenêutica que inviabilizaria o próprio filosofar.

Em suas *Lições sobre a filosofia da história universal* (Tecnos, 2005, p. 93), Hegel nos diz que “a filosofia da história não é outra coisa senão a consideração pensante da história, e nós não podemos deixar de pensar, em nenhum momento”. Mais adiante (2005, p. 101), o filósofo nos diz que “o ponto de vista da história universal filosófica não é, portanto, um ponto de vista obtido por abstração de outros muitos pontos de vista gerais e prescindindo dos demais. Seu princípio espiritual é a totalidade dos pontos de vista. Ela considera o princípio concreto e espiritual dos povos e sua história, e não se ocupa das situações particulares, mas de um pensamento universal, que se prolonga pelo conjunto”.

O que temos em vista ao evocar Hegel é justamente questionar a pretensão de universalidade do fazer filosófico situado no âmbito das epistemologias europeias. O fazer filosófico, a prática da filosofia – o filosofar –, este, sim, é universal, porque o pensamento resguarda um potencial revolucionário onde quer que ele esteja. Se a atitude filosófica, portanto, está muito além da mera reprodução de conteúdos históricos acerca de pensadores e de seus respectivos sistemas ou caminhos filosóficos, a filosofia deve ocupar-se daquilo que é transmitido, reapropriado e levado adiante década após década, século após século, por meio das mesmas questões que suscitaram o despertar da filosofia ainda em seu período pré-socrático. Esta é a universalidade que caracteriza a concepção de filosofia aqui em jogo: o movimento de reapropriação e a força do pensamento capaz de vincular diferentes povos, nações, regiões etc. Por outro lado, uma filosofia marcada pela presença da historicidade requer considerar como verdadeira a experiência do filosofar a partir de princípios concretos, capazes de transmutar a experiência da vida fática em caminhos novos, nunca antes explorados por aqueles que delimitaram previamente o terreno para que a trilha fosse suficientemente segura.

Basta caminhar, no entanto, para perceber que todas as trilhas possuem um fim, uma vez que percorrer um caminho aberto requer sair de um ponto “a” para um ponto “b”, sem grandes novidades. Como, então, manter viva a força dinâmica de um pensamento senão por meio da abertura de novos rumos, de novos caminhos, de novas encruzilhadas? Uma filosofia restrita à demarcação de um lugar não estaria invariavelmente fadada à perda de sua força histórica e de seu potencial vinculante que atravessa tempos e lugares motivando confrontações e novas descobertas?

É nesse sentido que o dossiê “Fenomenologia e Hermenêutica na América Latina” busca enfatizar a importância do lugar no processo de reapropriação e de renovação do

fazer filosófico. Pensar a importância do referencial hermenêutico e fenomenológico na América Latina é reafirmar o fato de que as epistemologias do sul-global são caminhos outros abertos por uma tradição de pensamento, não meras repetições circulares de caminhos já percorridos. O que se faz na América Latina – ou em qualquer outro registro não eurocentrado da filosofia – é também filosofia, com toda a universalidade que esse termo resguarda. Nesse sentido, não se trata de averiguar como se dá a recepção das epistemologias europeias no Novo Mundo, mas de demarcar a possibilidade – concreta e presente – de estruturar a prática filosófica a partir de nossas próprias demandas, tomando como referência a experiência concreta de nosso existir. Dito isso, concluímos que o ponto de partida aqui em jogo é a constatação de que há fenomenologia e hermenêutica na América Latina e de que essas não se restringem à recepção ou à reprodução de outros saberes, mas consistem na própria manifestação do pensamento em toda a sua envergadura.

Dessa maneira, abrimos o presente dossiê justamente com o artigo *Hermenêuticas topológicas, Filosofia latinoamericana e pensamento decolonial: a tarefa de descolonizar nosso pensamento*. Com o intuito de apresentar essa temática ao público que nos lê, Rebeca Furtado de Melo propõe a concepção de hermenêuticas topológicas como caminho para compreendermos o nosso lugar de enunciação em sua relação com o acontecimento geohistórico que o possibilita e o perpassa, viabilizando a tarefa de descolonização do pensamento e da atitude própria à prática filosófica. Em seguida, Irene Breuer apresenta no artigo *Fenomenología y Humanismo en Eugenio Pucciarelli* a recepção crítica deste filósofo argentino acerca da fenomenologia e a sua concepção de humanismo. Dialogando com a tradição hermenêutica e fenomenológica fortemente marcada pela obra de pensadores como Scheler, Dilthey e Husserl, Irene Breuer nos possibilita acompanhar a proposta de Pucciarelli acerca da crise da razão que nos atravessa no que diz respeito ao engajamento do fazer filosófico.

Em um encontro estreito com a filosofia de M. Heidegger, de Y. Lotman e de H. Bredekamp, Adrián Bertorello propõe em seu artigo *El espacio de juego de la verdad como cuarto nivel del sentido: una lectura híbrida de la filosofía de M. Heidegger* uma aproximação entre conceitos de diferentes constelações teóricas. Trata-se de uma leitura híbrida que visa diferenciar níveis semânticos no escopo da filosofia heideggeriana tendo em vista a concepção de *Ereignis*.

Apresentando o pensamento do filósofo argentino Enrique Dussel, Klinger Scoralick expõe em seu artigo *Enrique Dussel e a filosofia da libertação* aspectos estruturais da filosofia de Dussel, permitindo-nos acompanhar de que modo sua filosofia pode ser concebida como uma crítica aos fundamentos filosóficos da modernidade por meio da instauração de um outro modelo de racionalidade. Em uma proposta que dialoga com os temas introduzidos até aqui, Mariana Costa Neves introduz o problema do acontecimento geohistórico em seu artigo *A Hermenêutica do Espaço: reflexões sobre a realidade geográfica de Eric Dardel*. Assim, ao refletir sobre a realidade geográfica a partir de uma perspectiva humanista, tal trabalho torna possível pensar unidades significativas como base para a experiência real/material geograficamente situada.

Já no artigo *O papel do não europeu na crise e renovação do último Husserl*, Caio Lívio Sulpino Dantas reflete sobre a tradição europeia fundante da filosofia como um traço espiritual que carregaria em si uma motivação teleológica própria. Seu artigo questiona, portanto, a tarefa grega da razão no que concerne à diversidade cultural que perpassa a atitude filosófica.

Inaugurando um segundo bloco de artigos, agora devotado a pensar a fenomenologia e a hermenêutica na América Latina a partir de uma perspectiva metodológica, Kelly Almeida Oliveira e José Vicente de Souza Aguiar apresentam no artigo *Fenomenologia e saberes tradicionais: o que revelam as pesquisas de 2015 a 2019* dados obtidos por meio de revisão bibliográfica, sobretudo, de pesquisas acadêmicas que versam sobre o tema proposto no recorte temporal citado. Em seguida, Renata Raiol Magalhães e Lucivaldo da Silva Araújo debatem em *Fenomenologia da experiência e ocupações religiosas de usuários de um CAPS de Belém* o papel da espiritualidade/religiosidade no cotidiano dos serviços de saúde, área na qual a experiência religiosa acaba se tornando uma demanda própria aos cuidados em saúde mental. Por fim, Joice de Lima Costa e Elialdo Rodrigues de Oliveira apresentam no artigo *A fenomenologia como método científico para pesquisa em educação: análises de 2016 a 2019 em Roraima – UERR/IFRR* os resultados obtidos a partir das pesquisas realizadas na Universidade Estadual de Roraima e no Instituto Federal de Roraima sobre a aplicação do método fenomenológico nas pesquisas científicas.

Prosseguindo com a proposta do dossiê *Fenomenologia e hermenêutica na América Latina*, temos o prazer e a honra de trazer – em nossa quarta entrevista – uma

conversa sobre fenomenologia e hermenêutica com o Prof. Dr. João Augusto Anchieta Amazonas Mac Dowell, S.J., professor titular do Departamento de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE-BH) e editor do periódico acadêmico *Síntese – Revista de Filosofia*. Nossa motivação para convidá-lo foi justamente o reconhecimento de seu papel essencial na consolidação da pesquisa filosófica no Brasil, tanto como pesquisador engajado, comprometido com o rigor filosófico, quanto como professor e um dos responsáveis pela recepção da tradição fenomenológico-hermenêutica, sobretudo de aceção heideggeriana, no Brasil.

Em seguida, apresentamos a versão em português do artigo *Diferencia epistémica y diferencia colonial. El rol del comparatismo contrastivo y de las hermenéuticas pluritópicas*, de Zulma Palermo, com tradução de Rebeca Furtado de Melo e Deborah Moreira Guimarães, originalmente publicado na revista *Cuadernos del Hipogrifo: Revista de Literatura Hispanoamericana y Comparada*. Palermo visa articular, em seu trabalho, uma concepção decolonial da literatura e da cultura com os estudos comparados recentes.

Na seção de resenhas, Tiago Rodrigues Moreira e Felipe Costa Aguiar trazem uma leitura ao mesmo tempo bibliográfica e crítica do livro *Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano*, de Eduardo Marandola Jr., publicado neste ano pela editora da UNESP.

Como já é de costume na revista Ekstasis, publicamos na seção de artigos os trabalhos recebidos em fluxo contínuo que versam sobre temas variados dentro do referencial fenomenológico-hermenêutico e de seus desdobramentos na contemporaneidade. Desse modo, iniciamos os artigos de temática livre com o trabalho de Carlos Eduardo Pompilio, *O que o Esporte tem a nos dizer sobre nós mesmos? Uma abordagem fenomenológica das práticas esportivas*. Além de trazer uma temática bastante atual, devido ao fato de acabarmos de vivenciar mais uma edição dos Jogos Olímpicos, Carlos Pompilio nos convida a pensar os vínculos entre as práticas esportivas e a atitude fenomenológica. Em seguida, Marcelo Vinicius Miranda Barros nos propõe em seu artigo *Ensaio sobre racismo e ontologia: ser humano enquanto relações sociais não-tematizadas*, uma reflexão acerca da relação entre racismo e ontologia, para a qual o conceito de relações sociais não tematizadas será de extrema importância no que diz respeito à análise dos fatos sociais em questão. Em *As duas faces do direito: um ensaio da separação da interpretação e da decisão jurídicas*, José Borges Jr. busca enfrentar a

problemática da interpretação jurídica apontando as possíveis inconsistências presentes na literatura tradicional. Trazendo ao debate um pensador ainda pouco estudado no Brasil, Jéfferson Luiz Schafranski da Silva e Thiago Pelogia partem da compreensão heideggeriana do tédio com vistas a explicitar, no artigo *Do tempo vazio do trabalho ao tempo livre do jogo: possibilidades de se pensar o tédio em Eugen Fink*, os aspectos estruturais da antropologia filosófica finkiana, sobretudo, em sua relação com o tédio. Finalmente, Arnin Rommel Pinheiro Braga, com seu trabalho *Heidegger, anti-intelectualismo e a questão das visões de mundo: uma análise do fenômeno mundo a partir da “Metafísica do Dasein”*, fecha a seção de artigos propondo uma análise do conceito de mundo no período imediatamente posterior a *Ser e tempo*, conhecido como “metafísica do *Dasein*”.

Aproveitamos esta ocasião para agradecer a todos e todas que colaboraram para a confecção desta edição. Em primeiro lugar, agradecemos aos pareceristas que realizam voluntariamente o trabalho altamente qualificado de avaliação de artigos, mesmo estando muitas vezes sobrecarregados com inúmeras demandas acadêmicas. Em segundo lugar, agradecemos a todos que tornam possível – lutando contra as infinitas adversidades que assolam este país, hoje cada vez mais inimigo da ciência – realizar e disponibilizar, com política de acesso livre, sem fins lucrativos e sem remunerações, este material de divulgação científica que nos permite acessar pesquisas, entrevistas, traduções e resenhas de qualidade; trabalhos que são muitas vezes empreendidos sem qualquer apoio institucional, sobretudo devido aos recentes cortes de verbas das agências de fomento e aos cada vez mais recorrentes ataques às instituições públicas de ensino. A todos e todas que hoje se tornaram sinônimo de resistência por estarem produzindo ciência no Brasil: nossos mais sinceros agradecimentos!